

## Sartre e o existencialismo

### Resumo

---

Um dos mais influentes filósofos contemporâneos, o francês Jean-Paul Sartre é famoso especialmente por ser o maior representante da corrente filosófica conhecido como existencialismo.

Como seu próprio nome indica, o existencialismo é aquela concepção filosófica que tem como meta central buscar compreender a existência humana. Naturalmente, esta pode parecer uma definição bastante vaga, no entanto, para os existencialistas, ela tem um significado bastante preciso. Com efeito, segundo Sartre, o grande mal da filosofia ao longo da história foi a sua excessiva preocupação com temas abstratos e distantes de nossa experiência imediata, como a existência de Deus, a imortalidade da alma, o fundamento das normas morais, as bases do conhecimento seguro, etc. Indo, por sua vez, numa direção inteiramente oposta, o existencialismo entende a busca por compreender a existência humana como uma busca por entender o homem na sua concretude, na sua experiência real e diária.

Em termos teóricos, afirma Sartre, o ponto de partida do existencialismo é a admissão de uma verdade básica: no homem, a existência precede a essência. Ora, o que isto significa? Significa basicamente que, para os existencialistas, não existe uma natureza humana uma essência eterna e inalterável, comum a todos os homens, um modelo prévio ao qual o homem deve se adequar e que lhe cabe realizar. Ao contrário, segundo Sartre, o homem, por si mesmo, naturalmente, é apenas um grande vazio, uma grande possibilidade em aberto. Será a sua história, a sua trajetória de vida, será aquilo que o homem fizer por si mesmo que definirá sua identidade, sua essência.

Diz Sartre a respeito: “O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência.”

Percebe-se aqui facilmente a grande ênfase existencialista no tema da liberdade. De fato, para Sartre, é justamente porque o homem não tem uma natureza pré-determinada que ele é livre. Os animais, os objetos inanimados e as plantas, por exemplo, têm essências fixas e estabelecidas previamente, por isso não são livres, não decidem por si mesmos o que serão. O homem, ao contrário, justamente porque é pura possibilidade, justamente porque não tem uma natureza própria, é inteiramente livre para construir a si mesmo, para fazer a si mesmo, para construir sua própria identidade. Escrevendo tecnicamente, o filósofo existencialista dizia que o homem é *para-si*, enquanto que os demais seres são apenas *em-si*. A cada ação que tomamos, a cada decisão que fazemos, nós estamos constituindo nossa própria essência. Tal processo só se encerra com a morte, onde, de acordo com Sartre, nossa essência torna-se destino, isto é, uma realidade efetivamente inalterável e permanente.

Em sua filosofia, Sartre foi um incansável defensor da liberdade. Crítico de todas as espécies de determinismo, o filósofo existencialista francês negava que houvesse qualquer elemento, seja social, psicológico ou histórico que limite nossa liberdade. De fato, para ele, ainda que nós não possamos escolher os fatores que atuam sobre nós, podemos sempre escolher o que fazemos com os fatores que atuam sobre nós. Assim, uma mulher não escolhe quando de seu nascimento viver numa sociedade que lhe exige tais e quais comportamentos, mas ela pode escolher o que fazer com essas exigências, se irá cumpri-las ou não.

Nota-se neste ponto o vínculo imediato que há, para o existencialismo, entre liberdade e responsabilidade. Em verdade, como é inteiramente livre e senhor de si mesmo, o homem é também inteiramente responsável por aquilo que ele faz. A responsabilidade não é oposta à liberdade, mas sim sua consequência inevitável. Vê-se assim que, para Sartre, a liberdade, ao mesmo tempo que é um dom, um poder, é também um fardo, um peso, uma vez que o homem é sempre responsável por aquilo que ele faz. Este conflito entre o poder de autoconstrução permanente que o homem possui e as consequências drásticas de seu exercício (“estamos condenados a ser livres”, diz Sartre) é a origem da angústia, isto é, do desespero diante das inúmeras possibilidades de escolha e da dificuldade de se decidir qual sentido dar à própria vida.

Mais: para os existencialistas, a responsabilidade do ser humano não é puramente individual. Com efeito, ao tomar uma decisão qualquer o homem elege, explicitamente ou implicitamente, valores que julga corretos e que devem servir como critério de conduta. Assim, ao ser responsável por suas ações, o homem é também responsável por toda a humanidade, uma vez que promove um modelo de conduta com pretensões universais. Vê-se, pois, que, ao contrário de um individualismo banal, a liberdade existencialista sempre se constrói na relação (muitas vezes conflituosa) com o outro.

Diz Sartre sobre o tema: “Porém, se realmente a existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens. (...) Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, e se, por essa adesão, quero significar que a resignação é, no fundo, a solução mais adequada ao homem, que o reino do homem não é sobre a terra, não estou apenas engajando a mim mesmo: quero resignar-me por todos e, portanto, a minha decisão engaja toda a humanidade. Numa dimensão mais individual, se quero casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa exclusivamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, escolhendo o casamento estou engajando não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade, na trilha da

monogamia. Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.”

Chegamos aqui ao conceito de engajamento, central na obra de Sartre. Ora, uma vez que não há uma essência universal do homem ou natureza humana, não há um padrão pré-estabelecido a respeito de como homem deve se comportar e, portanto, não faz sentido perguntar-se qual é o tipo de conduta correto ou adequado para o ser humano, como fizeram tantos filósofos morais, como Kant e Aristóteles. Na verdade, dado que esse padrão moral universal não existe, o único critério que resta para a avaliação do comportamento dos indivíduos é o engajamento, isto é, o grau de comprometimento do sujeito com sua própria vida, o nível de responsabilidade que ele assume por ela, em suma, o grau de intensidade com que o homem exerce sua liberdade. Em suma, como não há um sentido pré-estabelecido para a vida humana, cabe ao homem criar o seu sentido - cada um criará o seu - e ser vivê-lo com intensidade. Como diz Sartre, o homem é sempre um projeto que se vive subjetivamente, ou seja, é sempre aquilo que projetar para si mesmo. Neste sentido, o filósofo existencialista distingue dois tipos de comportamento: o autêntico e o inautêntico.

Para Sartre, por um lado, há aqueles indivíduos que tomam conscientemente suas decisões, exercem sua liberdade com franqueza e assumem a responsabilidade por seus atos. Estes são os indivíduos autênticos. Independentemente do que concretamente fizeram, do conteúdo de suas ações, sua conduta tem um mérito: ela possui engajamento e, portanto, é honesta, assume sua própria natureza, reconhece que a existência precede a essência, que o homem é o único responsável por seu ser.

Por outro lado, há os indivíduos inautênticos, aqueles que padecem do que Sartre chamava de má-fé, isto é, aquela tendência de terceirizar responsabilidades, de tentar justificar as próprias ações não pelo puro e simples exercício da própria liberdade, mas por motivos outros, sejam mandamentos religiosos normais morais, convenções sociais, etc. Os indivíduos que agem assim não suportam a angústia e por isso fogem dela, negando sua própria responsabilidade por aquilo que fazem.

## Exercícios

---

1. Sobre a Liberdade Humana, analise os textos a seguir:

É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: 1973, p. 15.

Com base no pensamento filosófico de Sartre sobre a liberdade, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) O homem não é, senão o seu projeto, escolha e compromisso.
- b) O homem não está condenado à liberdade; ele tem escolha.
- c) O homem é livre sem escolha e sem compromisso.
- d) O homem é seu projeto responsável sem escolha.
- e) O homem é responsável e livre sem escolha.

2. Sobre a dimensão do homem na perspectiva existencialista, considere o texto a seguir:

O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 12.

O enfoque existencialista questiona o modo de ser do homem. Entende esse modo de ser como o modo de ser-no-mundo. Na perspectiva existencialista, sobre o homem, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) É um projeto de ser.
- b) É um seguidor das escolhas dos outros.
- c) Na sua própria essencialidade e no trajeto de sua liberdade, não tem escolha.
- d) Tem uma natureza concebida por Deus em sua essência.
- e) É irresponsável por si próprio ao conceber seus atos.

3. Considere o seguinte trecho, extraído da obra *A náusea*, do escritor e filósofo francês Jean Paul Sartre (1889-1980).

"O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar presente; os entes aparecem, deixam que os encontremos, mas nunca podemos deduzi-los. Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si próprio. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte, a gratuidade perfeita."

**SARTRE, Jean Paul. A Náusea. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986. Tradução de Rita Braga, citado por: MARCONDES, Danilo Marcondes. *Textos Básicos de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.**

Nesse trecho, vemos uma exemplificação ou uma referência ao existencialismo sartriano que se apresenta como

- a) recusa da noção de que tudo é contingente.
  - b) fundamentado no conceito de angústia, que deriva da consciência de que tudo é contingente.
  - c) denúncia da noção de má fé, que nos leva a admitir a existência de um ser necessário para aplacar o sentimento de angústia.
  - d) crítica à metafísica essencialista.
4. A expressão "Tudo o que é bom, belo e justo anda junto" foi escrita por um dos grandes filósofos da humanidade. Ela resume muito de sua perspectiva filosófica, sendo uma das bases da escola de pensamento conhecida como
- a) cartesianismo, estabelecida por Descartes, no qual se acredita que a essência precede a existência.
  - b) estoicismo, que tem no imperador romano Marco Aurélio um de seus grandes nomes, que pregava a serenidade diante das tragédias.
  - c) existencialismo, que tem em Sartre um de seus grandes nomes, para o qual a existência precede a essência.
  - d) platonismo, estabelecida por Platão, no qual se entendia o mundo físico como uma imitação imperfeita do mundo ideal.

5. Para J.P. Sartre, o conceito de “para-si” diz respeito
- a) a uma criação divina, cujo agir depende de princípio metafísico regulador.
  - b) apenas à pura manutenção do ser pleno, completo, da totalidade no seio do que é.
  - c) ao nada, na medida em que ele se especifica pelo poder nadificador que o constitui.
  - d) a algo empastado de si mesmo e, por isso, não se pode realizar, não se pode afirmar, porque está cheio, completo.
6. Na obra “O existencialismo é um humanismo”, Jean-Paul Sartre intenta
- a) desenvolver a ideia de que o existencialismo é definido pela livre escolha e valores inventados pelo sujeito a partir dos quais ele exerce a sua natureza humana essencial.
  - b) mostrar o significado ético do existencialismo.
  - c) criticar toda a discriminação imposta pelo cristianismo, através do discurso, à condição de ser inexorável, característica natural dos homens.
  - d) delinear os aspectos da sensação e da imaginação humanas que só se fortalecem a partir do exercício da liberdade.

7. “Quando dizemos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há de nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser. Escolher isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem que o seja para todos. Se a existência, por outro lado, precede a essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo em que construímos a nossa imagem, esta imagem é válida para todos e para a nossa época. Assim, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade”.

Sartre.

Considerando o texto citado e o pensamento sartreano, é INCORRETO afirmar que

- a) o valor máximo da existência humana é a liberdade, porque o homem é, antes de mais nada, o que tiver projetado ser, estando “condenado a ser livre”.
- b) totalmente posto sob o domínio do que ele é, ao homem é atribuída a total responsabilidade pela sua existência e, sendo responsável por si, é também responsável por todos os homens.
- c) o existencialismo sartreano é uma moral da ação, pois o homem se define pelos seus atos e atos, por excelência, livres, ou seja, o “homem não é nada além do conjunto de seus atos”.
- d) o homem é um “projeto que se vive subjetivamente”, pois há uma natureza humana previamente dada e predefinida, e, portanto, no homem, a essência precede a existência.
- e) por não haver valores preestabelecidos, o homem deve inventá-los através de escolhas livres, e, como escolher é afirmar o valor do que é escolhido, que é sempre o bem, é o homem que, através de suas escolhas livres, atribui sentido a sua existência.

8. “O que significa aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. (...) O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz. (...) Assim, o primeiro esforço do existencialismo é o de por todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade de sua existência. (...) Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós se escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher-se a si próprio, ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há de nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser”.

Sartre.

Considerando a concepção existencialista de Sartre e o texto acima, é incorreto afirmar que

- a) o homem é um projeto que se vive subjetivamente.
  - b) o homem é um ser totalmente responsável por sua existência.
  - c) por haver uma natureza humana determinada, no homem a essência precede a existência.
  - d) o homem é o que se lança para o futuro e que é consciente deste projetar-se no futuro.
  - e) em suas escolhas, o homem é responsável por si próprio e por todos os homens, porque, em seus atos, cria uma imagem do homem como julgamos que deve ser.
9. “Subjetividade” e “intersubjetividade” são conceitos com os quais Sartre pontua o seu existencialismo. Nesse contexto, tais conceitos revelam que
- a) o *cogito* cartesiano desabou sobre o existencialismo na mesma proporção com que a *virtu* socrática precipitou-se sobre o materialismo dialético do século XX.
  - b) “Penso, logo existo” deve ser o ponto de partida de qualquer filosofia. Tal subjetividade faz com que o Homem não seja visto como objeto, o que lhe confere verdadeira dignidade. A descoberta de si mesmo o leva, necessariamente, à descoberta do outro, implicando uma intersubjetividade.
  - c) o Homem é dado, é unidade, é união e é intersubjetividade; portanto, a sua existência é agregadora e desapegada da tão apregoada subjetividade clássica, por isso mesmo tão crucial para Sartre.
  - d) não há um só lampejo de subjetividade que não tenha se reinaugurado na intersubjetividade, isto é, na idealidade que instrui as prerrogativas para se instalarem as escolhas do sujeito, definindo-o.



- 10.** Leia o excerto abaixo e assinale a alternativa que relaciona corretamente duas das principais máximas do existencialismo de Jean-Paul Sartre, a saber:

- I. “a existência precede a essência”
- II. “estamos condenados a ser livres”

Com efeito, se a existência precede a essência, nada poderá jamais ser explicado por referência a uma natureza humana dada e definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. Por outro lado, se Deus não existe, não encontramos já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. [...] Estamos condenados a ser livres. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.

**SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. 3ª. ed. S. Paulo: Nova Cultural, 1987.**

- a) Se a essência do homem, para Sartre, é a liberdade, então jamais o homem pode ser, em sua existência, condenado a ser livre, o que seria, na verdade, uma contradição.
- b) A liberdade, em Sartre, determina a essência da natureza humana que, concebida por Deus, precede necessariamente a sua existência.
- c) Para Sartre, a liberdade é a escolha incondicional, à qual o homem, como existência já lançada no mundo, está condenado, e pela qual projeta o seu ser ou a sua essência.
- d) O Existencialismo é, para Sartre, um Humanismo, porque a existência do homem depende da essência de sua natureza humana, que a precede e que é a liberdade.

## Gabarito

---

**1. A**

O pensamento filosófico existencialista sartreano tem como fundamento central que a compreensão da vida dos indivíduos se dá a partir da condição da existência humana. Com efeito, para os pensadores dessa vertente filosófica, a existência precede a essência, o que leva à uma perspectiva da existência humana que independe de qualquer definição preexistente do indivíduo. Assim, para Sartre, a essência humana se constrói a partir das escolhas que, dentro da sua liberdade, o indivíduo realiza. Nesse sentido, o sujeito seria um projeto de ser, haja vista que não existiria uma natureza ou essência humana, mas sim a ação dos homens sobre a construção de si mesmos a partir do seu livre arbítrio.

**2. A**

O pensamento filosófico existencialista tem como fundamento central que a compreensão da vida dos indivíduos se dá a partir da condição da existência humana, de modo que, para os existencialistas, a existência precede a essência, o que leva à uma perspectiva da existência humana independente de qualquer definição preexistente sobre o indivíduo. Com efeito, na concepção existencialista, a essência humana se constrói a partir das escolhas que, dentro da sua liberdade, o indivíduo realiza. Nesse sentido, o sujeito seria um projeto de ser, haja vista que não existiria uma natureza ou essência humana, mas sim a ação dos homens sobre a construção do ser no seu livre arbítrio.

**3. D**

Para Sartre, representante do existencialismo, a existência precede a essência, ou seja, o indivíduo, assim como a realidade e o conhecimento, primeiramente existe e posteriormente se realiza por suas ações concretas e pela forma que conduz a sua existência. Assim, segundo Sartre, o indivíduo é condenado à liberdade de suas escolhas e à efetivar a sua existência através delas, pensamento que vai de encontro à metafísica essencialista, segundo a qual os objetos e o homem possuiriam duas realidades: uma exterior, caracterizada pela matéria física, e uma interior, onde encontraria-se a essência, enquanto para Sartre essas realidades se equivalem.

**4. D**

A filosofia de Platão é resultado de um trabalho de reflexão intenso e extenso, de modo que as questões durante os inúmeros diálogos por ele escritos são respondidas de maneiras distintas. Porém, Platão possui uma questão de fundo que se refere ao problema da identidade – resquício da tradição conflituosa de Parmênides e Heráclito –, a saber: o que é, é sempre idêntico a si mesmo ou é sempre distinto? O mundo verdadeiro é uma totalidade sempre permanente ou uma totalidade sempre efêmera? A concepção sobre Ideias que Platão formula atende, em geral, a essas questões e busca demonstrar como o sensível apesar de expor uma realidade impermanente, possui um fundamento permanente. As Ideias são verdadeiras, a realidade sensível é apenas uma aparência passageira dessa realidade.

**5. C**

O homem é uma entidade que combina características mutuamente exclusivas, a saber, o ser para-si e o ser em-si. O ser em-si se diz pela identidade, pela inércia, já o ser para-si se diz pela diferença, pela dinâmica, isto é, o ser para-si depende da negação do ser em-si. Dessa maneira, a essência, ou seja, aquilo que define a identidade não garante a exposição daquilo que é livre. Isso que é livre apenas é não sendo aquilo que lhe define circunstancialmente. O homem sendo livre é um projeto, um vir a ser dependente da sua escolha a qual está condenado a realizar devido a sua condição fundamental.

**6. B**

A escolha, na concepção sartreana, se refere à vida e esta é a expressão de um projeto que se desdobra no tempo. Esse projeto não é algo próprio do qual se pode ter um conhecimento óbvio, sendo assim o projeto é uma interpretação possível e as escolhas específicas de um indivíduo são, portanto, temporais, derivações de um projeto original desenrolado temporalmente.

Esse desenrolar é descrito pela ontologia de Sartre. Nesta ele diz que o ser em-si e o ser para-si possuem características mutuamente exclusivas, todavia a vida do homem combina ambas. Aí se encontra a ambiguidade ontológica da nossa existência. O em-si é sólido, idêntico a si mesmo, passivo, inerte; já o para-si é fluido, diferente de si mesmo, ativo, dinâmico. O primeiro apenas é, o segundo é sua própria negação. De maneira mais concreta podemos dizer que um é “facticidade” e o outro é “transcendência”. O dado da nossa situação como falantes de certa língua, ambientados em certo entorno, nossas escolhas prévias e nós mesmo enquanto em-si constituem nossa “facticidade”. Como indivíduos conscientes “transcendemos” isso que é dado. Ou seja, somos situados, porém na direção da indeterminação. Somos sempre mais do que a situação na qual estamos e isto é o fundamento ontológico de nossa liberdade. Estamos, como Sartre diz, condenados a ser livres.

Então, o existencialismo é um humanismo, pois é a única doutrina que abre totalmente a possibilidade de escolha ao homem. Se Deus não existe e a existência precede a essência, isto é, o homem não é nada até que ele livremente se defina durante sua vida, então o ser possui fundamentalmente liberdade. O ser aparece no mundo e depois se define; não há natureza humana pré-concebida por Deus. O homem é um lançar-se para um futuro, é se projetar conscientemente no futuro. Desse modo, o existencialismo deve pôr o homem no interior de sua existência e lhe atribuir a total responsabilidade por suas escolhas.

**7. D**

O homem está condenado à liberdade. Durante sua vida, ele não pode deixar de escolher, e ao fazer escolhas ele irá sempre escolher aquilo que considera o melhor. Desse modo, o homem ao se posicionar também posiciona todos os outros homens, pois define, juntamente com a sua escolha, quem são seus semelhantes e dessemelhantes. Se a sua posição não considerar isto, então ela irá criar confrontos dos quais foi desde sua primeira escolha responsável. Assim, em cada escolha nos responsabilizamos pela humanidade que escolhemos.

8. C

A alternativa [C] é justamente o inverso do que defende Sartre. Segundo ele, a existência precede a essência e não há nada que define o homem de maneira *a priori*.

9. B

Sartre se apropria do cogito cartesiano considerando que esse é o ponto de partida subjetivo para a filosofia. A partir dessa descoberta de si, o homem pode descobrir o outro, em uma relação de intersubjetividade. Dessa forma, podemos dizer que somente a alternativa [B] está correta.

10. C

O homem é uma entidade que combina características mutuamente exclusivas, a saber, o ser para-si e o ser em-si. O ser em-si se diz pela identidade, pela inércia, já o ser para-si se diz pela diferença, pela dinâmica, isto é, o ser para-si depende da negação do ser em-si. Dessa maneira, a essência, ou seja, aquilo que define a identidade não garante a exposição daquilo que é livre. Isso que é livre apenas é não sendo aquilo que lhe define circunstancialmente. O homem sendo livre é um projeto, um vir a ser dependente da sua escolha a qual está condenado a realizar devido a sua condição fundamental.